

Fanny Hill, de John Cleland, e *As mulheres de Mantilha*, de Joaquim Manuel de Macedo: uma reflexão sobre a falsa moral defendida nos romances

GABRIELA FARDIN*

RESUMO: Este trabalho trata-se de uma proposta de leitura e interpretação das obras *Fanny Hill ou Memórias de uma Mulher de Prazer* (1748-9), escrita por John Cleland (1710-89); e, *As Mulheres de Mantilha: romance histórico* (1870), de Joaquim Manuel de Macedo (1820-82). Focalizaremos, aqui, nas passagens dos romances que demonstram a ideia de uma falsa moralidade defendida pelos autores, ao que nos parece, somente para proteger suas próprias faces diante dos julgamentos de sua comunidade leitora.

PALAVRAS-CHAVE: *As Mulheres de Mantilha*; *Fanny Hill*; Joaquim Manuel de Macedo; John Cleland.

ABSTRACT: This work is a proposal of reading and interpretation of the books *Fanny Hill or Memories of a Woman of Pleasure* (1748-9), written by John Cleland (1710-89); and *As Mulheres de Mantilla: romance histórico* (1870), written by Joaquim Manuel de Macedo (1820-82). We will focus here on the passages of the novels that demonstrate the idea of a false morality advocated by the authors, it seems to us, only to protect their own faces of the judgments of their reading community.

KEYWORDS: *As Mulheres de Mantilha*; *Fanny Hill*; Joaquim Manuel de Macedo; John Cleland.

* Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de São José do Rio Preto – Unesp - 15054-000 – São José do Rio Preto – SP – Brasil. E-mail: g_phardin@hotmail.com

Introdução

Neste trabalho, pretendemos refletir sobre a falsa ideia de defesa dos costumes morais do século XVIII que *As Mulheres de Mantilha: romance histórico*¹, de Joaquim Manuel de Macedo, e a obra inglesa *Fanny Hill ou Memórias de uma Mulher de Prazer*, escrito por John Cleland, apresentam-nos.

Interessa-nos, aqui, desta forma, analisar algumas das diferenças e aproximações entre os romances, que possuem várias temáticas sociais em comum, das quais selecionamos três para detalhar em nosso trabalho: a existência de duas personagens que trabalham como cortesãs, as "saídas fáceis" para tratar sobre a homossexualidade e os desfechos para a vingança de um coração partido.

Para tanto, iremos propor uma leitura do romance intitulado *Fanny Hill ou Memórias de uma Mulher de Prazer*, escrito por John Cleland (1710-89) e publicado em dois volumes, o primeiro em novembro de 1748 e o segundo em fevereiro de 1749. O livro foi vendido, inicialmente, em duas partes, porque é composto de duas cartas destinadas à Madame que, segundo a narradora, é alguém livre dos julgamentos morais e pode então ter acesso à verdade sem o uso de qualquer filtro opressor. Entretanto, mostraremos em nossa análise que apesar de apresentar eventos considerados escandalosos para seu tempo, Cleland tomou a precaução necessária construindo uma personagem que é capaz de contar sobre seu passado sem censurá-lo, e comentar sobre ele com olhos de burguesa, esposa, mãe, enfim, "mulher de respeito".

Apesar de não ser famoso no Brasil, *Fanny Hill* é considerado por muitos estudiosos o primeiro romance erótico-pornográfico publicado na Inglaterra. De fato, em seu país de origem, a obra é consagrada, recebendo até hoje homenagens em forma de diversas adaptações – como é o caso da peça teatral *The Life and Times of Fanny Hill* (encenada pela primeira vez em 1991 e publicada em 1996), escrita pela dramaturga britânica April De Angelis; e a minissérie escrita por Andrew Davies, com direção geral de James Hawes, *Fanny Hill*, produzida pela BBC em 2007.

Almejamos, aqui, uma comparação do romance de Cleland, tendo como ponto de partida a questão da defesa da moral e dos bons costumes, com a obra pouco conhecida de Joaquim Manuel de Macedo, *As Mulheres de Mantilha: romance histórico*, publicada em 1870, mas tratando, em seu enredo, do Rio de Janeiro da época de 1760.

Em seu único romance histórico, Macedo apresenta as festas populares na época do vice-reinado do Conde da Cunha, denuncia o caráter abusivo das decisões políticas daquele tempo e posiciona-se contra o moralismo em excesso defendido pela Igreja e pelas famílias mais tradicionais. A obra é repleta de episódios aventureiros que nos lembram os romances de Walter Scott e Alexandre Dumas, com suas donzelas em perigo e planos para desmascarar o vilão.

Embora tenham recebido pouca atenção dos críticos literários, ambas as obras apresentam significativos apontamentos sobre o funcionamento das relações sociais

¹ Embora o romance de Macedo tenha sido publicado no século XIX, seu enredo trata sobre o século XVIII.

e já foram objeto de estudo de alguns críticos cujas considerações utilizaremos de apoio para nossas reflexões. Sendo assim, para tratar sobre a problemática da saída fácil para a homossexualidade em *As Mulheres de Mantilha*, nos apoiaremos no trabalho de Pavanelo (2013); sobre a complexidade da linguagem erótico-pornográfica em *Fanny Hill*, faremos uso dos apontamentos de Juengel (2009); para tratarmos dos pormenores representados nas obras, utilizaremos a pesquisa de Wagner (1997) para a obra de Cleland, e Proença (1971) para o romance histórico macediano.

A falsa moral

É claro que as diferenças e semelhanças entre as obras escolhidas são várias, temporais, espaciais e culturais, mas o que desejamos estudar neste trabalho é, principalmente, uma semelhança significativa que elas apresentam: há uma espécie de falsa moral retratada de maneira tão sutil, que somente um leitor mais atento poderia percebê-la.

O romance histórico de Macedo nos apresenta várias personagens femininas: mães, velhas pedintes, mocinhas à espera de casamento, freiras e uma cortesã. A singularidade de Maria de... é tão ambígua quanto seu próprio nome. Ela é a única cortesã citada durante todo o romance. Seu nome é, curiosamente, tão genérico que nos parece ser a representação de um grupo social de mulheres marginalizadas por causa de sua profissão "imoral" aos olhos das "pessoas de bem". Para Cardoso (2008), Maria de... é uma mulher tão misteriosa quanto a mantilha, objeto tão essencial no enredo do romance a ponto de fazer parte do título da obra. O estudioso da obra de Macedo defende que Maria de... pode representar um grupo ainda maior de mulheres: as rejeitadas amorosamente.

O autor de *A Moreninha* (1844) parece-nos abandonar sua fama de defensor da moral e dos bons costumes em *As Mulheres de Mantilha*, pois Maria de..., a cortesã, começa o romance bem de vida, divertindo-se em sua casa com seus amantes e animada com os planos de arquitetar uma vingança para curar seu coração partido por Alexandre Cardoso, o vilão do romance – se necessário for classificar esta personagem – como indica Proença (1971).

Segundo Proença,

Com o mistério convencional das reticências, Maria de... tem de ser vingativa, infiel, sem coração, porque é cortesã. Mas reunindo todos os defeitos obrigatórios do tipo, copiado de modelos célebres, nela já se pode notar os rudimentos de uma "dama das camélias", ou de uma Lucíola, pois Macedo, como outros românticos, esposa o conceito de que a virgindade não está mais no corpo, mas na alma. (PROENÇA, 1971, p. 24-25).

Maria de... não é somente uma mulher vingativa e bela, suas qualidades vão além desses clichês esperados para uma cortesã nos romances. Aliás, o leitor mais atento poderá notar que as discussões políticas apresentadas na obra acontecem, em sua grande maioria, na presença de Maria de..., transformando-a numa espécie de conselheira para as decisões que "os homens de poder" da cidade precisam tomar.

Era a casa de Maria de..., notabilidade feminina, que por sua formosura, sua independência audaciosa, sua natureza ardente e indomável, suas paixões e seus desvarios fáceis desde o conde de Bobadela até o vice-reinado do marquês do Lavradio, influiu algumas vezes mais do que se pode supor no governo da grande colônia portuguesa da América. (MACEDO, 1988, p. 37).

A cortesã é uma mulher que faz parte de sua comunidade não só por receber os grandes líderes políticos da cidade em sua casa, mas por sair às ruas, sempre que lhe convém, para encaixar as peças de seu ambicioso plano contra Alexandre Cardoso. Maria é a única mulher que detém o poder da leitura e da escrita no romance histórico macediano: sua vingança acontece por meio da tinta e do papel.

Maria de..., conforme Cardoso (2008) afirma, parece-nos ser várias mulheres em uma só: ora misteriosa, utilizando-se da mantilha para realizar seus feitos sem ser percebida; ora exibida e sedutora, utilizando-se de seus amantes para descobrir tudo o que deseja sobre os passos de Alexandre Cardoso e do vice-rei, o Conde da Cunha.

Dessa forma, notamos o quanto a personagem é um exemplo de como o romance de Macedo não tinha grandes pretensões de reproduzir ensinamentos de moral e bons costumes aos seus leitores: a prostituta consegue sua vingança, termina o romance tão bem de vida quanto começou e ainda continua sendo influente no meio da elite política da época. Como podemos observar no trecho final da obra, Macedo até mesmo promete escrever um romance só para contar a nova história de amor de Maria de..., mas, como sabemos hoje, esse romance nunca foi escrito:

Maria de... esqueceu depressa os gozos sinistros da sua vingança de vaidosa no empenho de novas conquistas e braços de novos amantes, entre os quais a tradição não diz que se contasse algum outro ajudante oficial-de-sala do vice-rei. O vice-reinado do velho Conde de Azambuja durou apenas dois anos incompletos, sucedendo-lhe o Marquês do Lavradio que era muito sensível aos encantos do belo sexo, e ardentemente se apaixonou por Maria de... .
Mais tarde me empenharei em escrever a história ou o romance desses amores do Vice-Rei Marquês do Lavradio e da formosa cortesã. (MACEDO, 1988, p. 238).

Tal como o que acontece no romance de Macedo, no romance setecentista de Cleland, a personagem principal também tem a experiência de um final feliz: Fanny é uma jovem órfã que, desde muito cedo, percebe o fardo de ser uma mulher sem posses e apoio familiar na sociedade inglesa do século XVIII. Quando fica desamparada por uma amiga ao chegar em Londres, acaba tornando-se uma cortesã e inicia sua luta para alcançar seu maior sonho: ser uma burguesa.

Fanny Hill, assim como Maria de..., são personagens retratadas por seus autores sempre muito bem arrumadas, ornadas de joias e rodeadas por muito luxo. Mais uma vez, defendemos aqui o quanto estes detalhes demonstram que as personagens são, na verdade, uma crítica à hipocrisia da sociedade que, assim como o leitor, admira e deseja o luxo da vida dessas mulheres, mas recrimina-o, alegando uma "impureza" em sua fonte.

Os autores detalham a vida luxuosa das cortesãs para, só depois das descrições, amenizarem o teor de admiração com comentários moralizantes, conforme podemos notar em:

Deslumbrante de beleza, esmeradamente vestida, e trazendo em joias uma riqueza afrontosa, Maria era como um sol a radiar naquela noite. Causava pena a lembrança da vida licenciosa daquela mulher verdadeiramente encantadora! *Só a virtude devia ser bela assim.* (MACEDO, 1988, p. 234 – grifo nosso).

Para melhor exemplificarmos, apresentamos também um trecho do romance em que Fanny começa a fazer parte do vício da vida libertina, como ela, posteriormente, irá chamar seu passado, e o vive com intensidade, livre dos pudores moralistas das camadas sociais mais elevadas, conforme ela conta em seus relatos de “verdade nua e crua” (CLELAND, 1997, p. 43). Ao chegar ao primeiro bordel em que trabalhará, Fanny não esconde sua admiração pelo luxo do lugar, apresentando-o em detalhes:

Minha senhora, pode estar certa de que minha boa opinião sobre a causa não foi diminuída pelo surgimento de uma belíssima sala de estar a que me levaram, e que me pareceu mobiliada de forma magnífica, a mim que nunca vira aposentos melhores do que meus quartos ordinários nas estalagens da estrada. Havia dois espelhos com molduras douradas e um aparador em que algumas peças de uma baixela de prata, expostas para produzirem o máximo de efeito, me deslumbraram e convenceram completamente de que eu devia ter entrado para uma família muito distinta (CLELAND, 1997, p. 51).

No caso de Fanny Hill, há até mesmo a existência de um tom cínico na maneira como a personagem conta suas memórias; ela deixa claro que não se sentiu incomodada por tornar-se uma cortesã, pelo contrário, passou a admirar o refinamento dos ambientes, das vestimentas e das joias das pessoas que começou a conhecer. A sua vontade de prosperar na vida nasce aí.

Macedo e Cleland aproximam-se nessa espécie de descrição ambígua para as personagens: eles não seguem os modelos da chamada *literature of roguery*², suas cortesãs não terminam o romance na sarjeta, pelo contrário, ambas melhoram de vida, seja financeiramente ou por meio da conquista de objetivos não-materiais, como é o caso de Maria de... .

O "escandaloso" final feliz para essas mulheres é, talvez, a maior prova de que os romances não se tratam de obras defensoras da moral e dos bons costumes, afinal, Fanny Hill e Maria de... são personagens fortes, estão determinadas a alcançar suas ambições e levam suas vidas de uma maneira muito mais livre, no sentido de experienciar seus sentimentos e prazeres sem pudor algum.

² Termo utilizado para denominar a produção literária muito corrente no século XVIII que trata sobre a biografia de personagens marginalizados socialmente, tais como prostitutas, criminosos, etc. Na maioria destas obras, as personagens viviam de forma desregrada e acabavam presas, vítimas de doenças terminais ou morrendo miseravelmente por não receberem qualquer tipo de ajuda.

As saídas de mestre para a homossexualidade

Em ambos os romances, temos a questão da homossexualidade abordada, em grande parte da obra, sem repreensão alguma, mas "resolvida" de maneira prática com o intuito de, ao nosso ver, agradar o leitor da época e proteger as faces dos autores.

Por se tratar de um romance erótico-pornográfico, *Fanny Hill* apresenta-nos uma descrição detalhada (aproximadamente seis páginas) dos momentos íntimos de uma relação homoerótica masculina. A moça encontra-se hospedada em uma estalagem e, desconfiada das intenções de um senhor e um rapaz que estão dividindo o quarto ao lado, sobe numa cadeira para espiá-los através de uma fresta na parede e, ironicamente, cai da cadeira perdendo os sentidos por alguns minutos.

Aqui, apresentaremos apenas o final da passagem, com o intuito de exemplificarmos a hipocrisia e, ao mesmo tempo, a inteligência dessa narradora que infiltra comentários preconceituosos e atende, assim, às demandas sociais da época para safar sua própria reputação de "mulher de respeito" (e, é claro, para proteger a face do próprio Cleland).

Então, passando uma das mãos pela frente dos quadris do garoto, ele segurou-lhe o brinquedo de marfim com ponta vermelha, que estava bem duro [...] e ficou se divertindo com isso, enquanto, com a outra mão, afagava-lhe os cabelos, e, curvando-se sobre as costas dele, puxou-lhe para trás o rosto, do qual o garoto sacudiu os cabelos que sobre ele tombavam, pela posição em que se encontrava, e aproximou-o do rosto do amante, de forma a receber um beijo de tirar o fôlego, após o que, este, retomando o ataque e continuando a castigar-lhe o traseiro, o auge do gozo veio-lhe com os sintomas habituais, pondo fim à ação. Tudo isso, essa cena tão criminosa, tive a paciência de espiar até o fim, puramente para reunir mais fatos e convicção contra eles, em meu firme propósito de fazê-los receber o castigo merecido imediatamente e, assim, quando eles já se preparavam para sair, eu, ardendo como estava de raiva e indignação, pulei da cadeira, a fim de criar o maior escândalo contra eles, mas com um ímpeto tão infeliz que algum cravo, ou alguma irregularidade no assoalho, me fez tropeçar e cair de cara, com tanta violência que fiquei sem sentidos no chão, e assim devo ter permanecido por algum tempo, até que veio alguém em meu socorro, de forma que eles, suponho que alarmados pelo barulho da minha queda, tiveram o tempo mais que necessário para fugirem a salvo, o que fizeram, conforme soube depois, com uma precipitação que ninguém soube explicar, até que, quando voltei a mim e me recobrei o suficiente para falar, eu os informei sobre a transação de que fora testemunha (CLELAND, 1997, p. 264).

Fanny, ao contrário de outros momentos de voyeurismo narrados no livro, não assume qualquer deleite ao assistir à relação sexual entre os dois homens, embora ela narre cada movimento dos corpos deles e espere até o final do ato para tomar qualquer decisão. Esta é a única característica que diferencia essa cena de voyeurismo das outras, as que envolvem casais heterossexuais e lésbicos, no romance.

Conforme Wagner (1997), estudioso da vida e obra de Cleland, explica, na Inglaterra,

[...] o lesbianismo era tolerado no século XVIII, ou pelo menos não condenado, e as cenas de lesbianismo no volume I destas Memórias evidenciam uma

aceitação dessa forma de relação sexual, apesar de não ser considerada 'natural'. A homossexualidade masculina, no entanto, 'o vício antinatural', como era chamado, era constantemente atacado e repudiado por escritores e romancistas. Donde Fanny apenas expressa o ponto de vista burguês sobre o homossexualismo (CLELAND, 1997, p. 09).

Aqui, encontramos, talvez, uma das diferenças mais significativas do contexto espacial e cultural presentes nas duas obras: na Inglaterra do século XVIII, provavelmente pela influência da liberdade do prazer e da sexualidade, tão defendidas na época pelos autores franceses, principal fonte de produção libertina do período, as relações homoeróticas femininas não eram consideradas de baixo calão.

Dessa forma, parece-nos que o amor entre Inês e Isidora, na obra de Macedo, que será posteriormente analisado por nós, se concretizado, não teria tamanho escândalo nas terras da rainha, como teria no Rio de Janeiro nos idos de 1769, contado nos meados de 1870, por se tratar de um romance histórico. Como Wagner (1997) afirma, a obra de Cleland teve fortes influências da literatura francesa:

O romance de John Cleland é único, no sentido de que combina elementos tanto da literatura francesa quanto da literatura inglesa numa paródia secularizada da confissão cristã; também combina duas formas literárias, a biografia devassa e o diálogo devasso, mesclando-as naquilo que se tornou o principal romance da ficção erótica inglesa (CLELAND, 1997, p. 23).

Entretanto, a publicação do livro completo, em 1750, contendo este trecho de temática homoerótica masculina, não passou em branco para Cleland, demonstrando o preconceito da época. O autor e o editor do livro, Ralph Griffiths, foram presos por seis dias após o sucesso de vendas da versão completa da obra (ou seja, o volume I e II juntos), que chamou a atenção da censura. Wagner (1997) apresenta a seguinte informação:

David Foxon sugeriu muito acertadamente, em seu *Libertine Literature* [Literatura Libertina], que a ação penal exercida contra o romance naquele ano parece estar relacionada com a passagem de sodomia no segundo volume, registrando a observação voyeurista de um encontro homossexual numa taverna (CLELAND, 1997, p. 20).

Cleland e seu editor não ficaram por muito tempo na prisão e, graças às notícias sobre a proibição das vendas da obra nas livrarias, *Fanny Hill* tornou-se um best-seller, ganhando versões puritanas e ilustradas, sendo traduzido para diversas línguas, agradando, assim, a todos os públicos.

A partir de tal conhecimento sobre a publicação do livro, é evidente notar o caráter polêmico e irônico do modo como Cleland escolhe narrar tal episódio em sua narrativa: Fanny Hill assiste ao ato sexual alheio, descreve-o com detalhes e, só no final de sua descrição, decide denunciar o casal, entretanto, ela cai de cara no chão.

Típico deste romance inglês, Fanny narra longas cenas erótico-pornográficas sem pudor algum para, no final, reproduzir algum discurso moralista da burguesia, classe social

em ascensão naquele momento e, é claro, responsável por grande parte das vendas. Como nossa narradora, quando escreve, é a esposa, mãe, dona de casa e burguesa, é natural que essa personagem julgue como imorais as aventuras que narra, sobre seus anos como prostituta, porque, ela, assim como o autor, precisa proteger sua reputação.

Macedo, por sua vez, realiza algo tão condenável para a sociedade de sua época quanto Cleland, se pensarmos no contexto e lugar descritos em seu romance histórico e, por isso, o autor precisa proteger sua própria face: o desenvolvimento da figura de Isidora(o) na narrativa é surpreendentemente enviesado para agradar aos leitores mais defensores da moral e dos bons costumes.

Isidora(o) é uma moça que pede auxílio na casa de Jerônimo Lírio e encanta a todos com sua voz maravilhosa e seus costumes religiosos, criando laços de amizade e confiança com toda a família e desenvolvendo uma paixão recíproca com Inês, sua filha, um dos "lírios" do comerciante.

Para o leitor, Isidora(o) é colocada como uma moça de aparência diferente e modos mais rústicos à mesa:

Irene e Inês, os dois lírios, comiam pouco, tocavam nos pratos, como passarinhos em frutas, ao contrário de Isidora que mostrava o melhor apetite, e mais desocupadas que os outros à mesa, observavam a bela hóspede a quem não conheciam, [...] e moça como elas, ousavam do inocente direito de estudar-lhe as feições, os modos e os vestidos. Isidora era uma moça alta, esbelta, porém não bem feita de corpo; tinha o peito demasiadamente largo, e a cintura pouco delicada; mas em compensação sua cabeça era magnífica: seus cabelos castanho-claros, finos e crespos, perdiam-se escondidos em uma touca de mau gosto; [...] seu pescoço era mais grosso que fino, e suas mãos brancas, pequenas e bonitas, como deviam ser seus pés. [...] só em um ponto não sabia acanhar-se; comia como Antônio Pires ou Jerônimo Lírio, que eram bons gastrônomos; não bebia porém vinho, e unicamente pelo dever de saudar a companhia, fazendo sucessivamente a saúde de cada um dos convivas, como era de uso, tocara com os lábios em um cálice de vinho (MACEDO, 1988, p. 91-92).

Tal descrição já faz com que, até mesmo o leitor menos atento, desconfie do sexo da personagem Isidora(o), ainda mais pela obra se tratar de um romance histórico, gênero tão conhecido por apresentar grandes reviravoltas, aventuras, personagens travestidas etc. Segundo Pavanelo (2013), o romance apresenta, de fato, essa espécie de "saída fácil" para a questão do amor entre Isidora(o) e Inês:

Poderíamos depreender aqui uma falha de enredo, que não convence o leitor. Parece-nos, no entanto, que Macedo, nesse caso, teria lançado mão dessa *deus ex machina* a fim de não contrariar os códigos moralistas do século XIX, uma vez que a realização do amor entre duas moças poderia chocar os conservadores leitores oitocentistas. Apesar de ter apelado para uma saída convencional, transformando uma das personagens em homem – possibilitando o casamento entre elas –, é digno de nota o fato de essa paixão homoerótica ter sido sugerida durante grande parte do romance (PAVANELO, 2013, p. 166).

Macedo não somente tira o disfarce dessa personagem, como o faz de maneira heroica: Isidora(o) é desmascarada quando precisa lutar para proteger a honra de Inês numa emboscada planejada por Alexandre Cardoso. A personagem ao ser revelada como um mancebo, é, ainda, heroína e vítima da situação, pois só se passou por rapariga para fugir do recrutamento militar. A transformação de Isidora em Isidoro é tão rápida quanto a decisão de Jerônimo em casar o rapaz com Inês, um desenrolar repentino no enredo do romance:

Isidora tinha sido a providência salvadora daquela família. Quando se acharam sós em seu quarto, as duas meninas conversaram ainda palpitantes e trêmulas de abalo pelo perigo de que haviam escapado. Irene perguntou:

— Viste-a bater-se, Sinhazinha?

— Eu não vi coisa alguma; lembra-me que ouvi tiros, que logo depois me agarraram, e não soube mais de mim...

[...]

— Sinhazinha, tu és feliz!

— Por quê?

— Porque Isidora não pode ser mulher; é um mancebo e te ama.

Irene adivinhara o segredo de Isidora, que de fato era lindo jovem que se disfarçara com vestido de mulher para escapar ao recrutamento. [...] E antes de dormir Jerônimo ainda pensou em Isidora; pois perguntou à senhora Inês:

— Não pensas que devemos grande serviço a esse valente mancebo?

— Salvou-nos mais que as vidas, salvou a honra de nossas filhas.

— Inês, vou mandar colher informações sobre o caráter e procedimento de Isidoro.

— Para quê?

— Se ele for como parece...

— Então?...

— Qual de nossas filhas julgas que devemos dar-lhe em casamento?

— A Nhanhã é a mais velha...

— Mas foi a Sinhazinha que ele precisamente salvou, atacando e ferindo o seu malvado raptor (MACEDO, 1988, p. 200-201).

Dessa forma, podemos notar que tanto a obra de Cleland quanto a de Macedo apresentam em seus enredos situações consideradas escandalosas para sua época, com o intuito de, ao nosso ver, criticar o moralismo em excesso e a hipocrisia da sociedade. Até porque, seria muito mais simples omitir tais passagens nos romances e evitar assim a repreensão dos leitores mais adeptos dos costumes moralistas tradicionais. Entretanto, optar por escrever tais trechos, dar atenção aos grupos mais marginalizados da sociedade, retratar a vida de uma cortesã e relatar a existência de amores homoeróticos só comprovam o caráter questionador dos romances aqui tratados.

A vingança no universo feminino das cortesãs

Como afirma Cardoso (2008),

Na obra *As Mulheres de Mantilha*, creio que existam dois personagens relevantes: Maria de... e Alexandre Cardoso. Hesito na definição a respeito de qual deles assume proeminência no desenvolvimento do enredo, contudo, inclino-me a

pensar que este posto é ocupado pela cortesã. Afinal, o romance trata justamente do plano vingativo desta personagem, suas armações, manipulações e desfecho (CARDOSO, 2008, p. 22-23).

A vingança particular de Maria de... é o que acaba por determinar o futuro coletivo da nação, a punição aos crimes de Alexandre Cardoso e a eventual queda de um governo autoritário. Como afirma Pavanelo,

a solução da crise histórica no romance é resultado da mera vingança prosaica de uma cortesã enciumada, não havendo nenhuma intenção heroica ou nacionalista por parte dela (PAVANELO, 2013, p. 163).

O romance trata sobre essa vingança de uma mulher com o coração partido, mas cabeça bem intacta, capaz de arquitetar todo um plano e utilizar seus amantes para orquestrá-lo brilhantemente.

Influente em sua comunidade, financeiramente bem resolvida e letrada, Maria de... reúne muito mais do que os atributos de beleza e sedução tão comumente associados às cortesãs da literatura. Como já dissemos anteriormente, ela não se utiliza apenas de seus dotes físicos, mas apoia-se na escrita de cartas e bilhetes para conseguir sua tão desejada vingança.

O romance desde seu início nos apresenta essa cortesã ferida pela rejeição de um de seus amantes, Alexandre Cardoso, que pensa em se casar com a bela e inocente Inês, uma das filhas do respeitado pai de família Jerônimo Lírio. Sentindo-se usada e traída, Maria, aos poucos, consegue todas as informações que precisa para infernizar a vida de Cardoso e sujar ainda mais sua fama para a família de Jerônimo e toda a comunidade do Rio de Janeiro. Como é deixado claro ao leitor, "Maria tinha um único pensamento, uma única ambição, um único empenho; era vingar-se de Alexandre Cardoso." (MACEDO, 1988, p. 63).

Maria de... triunfa: Alexandre Cardoso termina o romance como um homem miserável, sem qualquer chance de se casar com Inês, sem seu cargo de confiança, sem autoridade alguma perante qualquer pessoa daquela comunidade e deportado para Lisboa. A cortesã, por sua vez, continuou sua vida normalmente, divertindo-se em busca de novas aventuras amorosas:

Maria de... esqueceu depressa os gozos sinistros da sua vingança de vaidosa no empenho de novas conquistas e nos braços de novos amantes, entre os quais a tradição não diz que contasse algum outro ajudante oficial-de-sala do vice-rei. O vice-reinado do velho conde de Azambuja durou apenas dois anos incompletos, sucedendo-lhe o marquês de Lavradio que era muito sensível aos encantos do belo sexo, e ardentemente se apaixonou por Maria de... (MACEDO, 1988, p. 238).

Ao considerarmos de maneira mais ampla a afirmação feita em 1929 por Virginia Woolf, poderemos entender o sucesso na vingança de Maria e o fracasso na tentativa de Fanny Hill. Basta refletirmos que, se para escrever uma mulher precisa ter seu próprio teto, para vingar-se de um homem, isso é ainda mais primordial:

[...] uma mulher deve ter dinheiro e um teto próprio se ela quer escrever ficção; e que, como você vai ver, isso deixa o grande problema da verdadeira natureza da mulher e da verdadeira natureza da ficção sem solução (WOOLF, 2010, p. 04 – tradução nossa³).

Apresentamos, então, a tentativa fracassada de vingança vivida pela cortesã de Cleland. Fanny deixa o primeiro bordel em que trabalhou para viver como amante exclusiva de Mr. H., mas ao voltar de um passeio, flagra-o em momento íntimo com a empregada da casa, o que Fanny toma como uma ofensa, afinal, a moça representa para ela algo parecido com uma refeição rápida de "carne de pescoço" (CLELAND, 1997, p. 144) e deve ter servido apenas de aperitivo para "variar a dieta" (CLELAND, 1997, p. 144) de seu cavaleiro.

Enojada e sentindo-se traída, Fanny guarda seus rancores para si, remoendo-os de vez em quando, pensando numa maneira de vingar seu ego ferido. Como é a Fanny mais velha que nos conta suas memórias, notamos já um tom de arrependimento em seu modo de narrar ao nos apresentar Will, o rapaz que servirá como peça principal para seu ato de vingança:

Tivesse eu considerado essa escapada de Mr. H. apenas sob essa luz, e tivesse-me contentado em despedir a rapariga, teria pensado e agido corretamente; mas, cheia como estava de ideias de ofensas imaginárias, eu acharia que Mr. H. teria-se saído com muita facilidade, se não levasse minha vingança adiante, pagando-lhe, tão estritamente quanto o meu espírito conseguisse, na mesma moeda. Tampouco esse ato de justiça tardou muito; eu o estava levando a sério. Mr. H. havia, cerca de duas semanas antes, tomado a seu um rapaz muito bonito, que mal tinha completado dezenove anos, fresco como uma rosa, bem proporcionado e de membros ágeis; em suma, uma boa desculpa para o gosto de qualquer mulher, mesmo que a vingança estivesse fora de questão; qualquer mulher, digo, despreconcebida e que fosse suficientemente esperta e corajosa para preferir uma questão de prazer a uma questão de honra (CLELAND, 1997, p. 144).

Como podemos notar no trecho acima, os nomes dos clientes da cortesã são mantidos em segredo, sendo revelada apenas a letra inicial de seus nomes ao leitor. Isso é mais uma estratégia de John Cleland para dar um tom mais verídico e biográfico à obra, afinal, a ideia que é vendida aos leitores é a da grande polêmica que se formaria no meio social mais elitizado caso esses nomes viessem à tona.

Fanny Hill, ao contrário de Maria de..., fracassa ao tentar se vingar de Mr. H. retribuindo-lhe na mesma moeda a afronta que acredita ter sofrido. A personagem seduz o jovem Will com a cínica justificativa de que, até mesmo se a vingança não estivesse em jogo, pensaria em divertir-se com o lindo empregado, o que torna o tom da narrativa mais leve e bem-humorado.

Entretanto, a cortesã é descoberta, perdendo assim as boas condições de amante exclusiva: morar sozinha em um apartamento, viver rodeada por criados, usar roupas de luxo, ter joias etc. Irritado pela ousadia e traição de Fanny Hill, Mr. H. dá uma quantia suficiente para a cortesã recomeçar sua vida em outro lugar e a expulsa do apartamento.

³ No original: “[...] a woman must have money and a room of her own if she is to write fiction; and that, as you will see, leaves the great problem of the true nature of woman and the true nature of fiction unsolved” (WOOLF, 2010, p. 04).

Podemos refletir sobre essa passagem em que, por não ter ainda condições financeiras para se manter, a personagem acaba refém das exigências e caprichos de seus clientes, o que ocorrerá até o final da narrativa. É só quando ela recebe a herança de um amante que consegue, então, tornar-se burguesa, ter sua própria casa e, como Woolf afirmou séculos depois, a liberdade suficiente para escrever suas memórias sem medo de repreensões.

Diferentemente da cortesã de Macedo, falta independência financeira à heroína de Cleland para obter sucesso em suas empreitadas. Assim que a consegue, porém, ela torna-se uma mulher admirada por todos, uma espécie de lutadora que, por meio do vício, alcançou a virtude, como ela mesma justifica-se: “[...] se pinte o vício em todas as suas cores mais alegres, se o adornei de flores, foi puramente a fim de tornar mais valoroso e mais solene o seu sacrifício à virtude.” (CLELAND, 1997, p. 297). Tal passagem do livro, assim como várias outras, merecem mais atenção, pois são reveladoras de um dos tons mais predominantes da obra: o cinismo.

Considerações finais

Propusemos aqui uma comparação das duas obras sobre os costumes do século XVIII, estipulando como perspectiva para o nosso trabalho a questão da falsa defesa da moral e dos bons costumes; uma, então, tratando das memórias de uma prostituta, *Fanny Hill: Memórias de uma Mulher de Prazer* (1748-9), escrita pelo autor inglês John Cleland; a outra, o romance histórico sobre os meados de 1769 de Joaquim Manuel de Macedo, *As Mulheres de Mantilha* (1870).

As duas obras criticam o moralismo em excesso que impede, na maioria das vezes, que as mulheres aprendam a ler e a escrever, sejam independentes financeiramente, escolham seus próprios amores e até mesmo se exibam em público. Em *As Mulheres de Mantilha*, o leitor mais crítico pode perceber que, desde o próprio título, Macedo parece, ao nosso ver, criticar a necessidade que as mulheres têm de se cobrir para sair às ruas. Há também vários exemplos de mulheres analfabetas enclausuradas no seio do lar por causa dos maridos, da Igreja, da família etc.

Como afirma Pavanelo, "Macedo se propõe a fazer [...] um outro tipo de romance histórico, focado na crítica à condição submissa da mulher, motivada pelo moralismo exacerbado da sociedade brasileira" (2013, p. 167). Sendo assim, a obra parece-nos ter essa função questionadora sobre a maneira como as mulheres são vistas socialmente.

É na personagem de Maria de..., como tentamos mostrar ao longo de nosso trabalho, que o autor consegue evidenciar o poder das mulheres quando alfabetizadas e livres para tomar suas próprias escolhas. Talvez as cortesãs sejam as personagens romanescas que melhor tenham demonstrado, ao longo da produção literária em geral, o poder da independência feminina. Afinal, esse tipo de personagem marginalizada não precisa corresponder aos ideais de mulher submissa que a sociedade impôs e impõe às mulheres.

Cleland também encontra sua maneira de criticar a hipocrisia social por meio dessa personagem que conhece as camadas sociais mais baixas e mais altas, conquista seu espaço

como burguesa por meio dos bens que recebe pelos seus serviços como cortesã, transforma-se em uma "mulher digna de respeito" e pode, então, contar as memórias de seu tempo como prostituta sem poupar qualquer detalhe, mas jogando um verdadeiro balde de água fria com seus comentários moralistas ao final de suas narrações.

Conforme Juengel (2009 apud Carter 2001) aponta, há no texto pornográfico a falsa ideia de simplicidade que pode ser atribuída por causa de uma espécie de má fé, herança da atribuição de valor moralista da sociedade ocidental às produções artísticas do tipo.

Para agradar ao leitor da obra com uma pitada de romance, Fanny Hill não só fica rica, graças à fortuna que herda, mas reencontra seu verdadeiro amor, Charles. O que pode ser interpretado como mais uma saída prática do que amorosa para a heroína: a concretização do amor burguês, afinal, por causa das leis daquela época, Fanny precisaria de um tutor para usufruir da herança. Sendo assim, a volta repentina de Charles ao enredo foi de grande importância para o bem-estar amoroso (e financeiro) da personagem.

Parece-nos, após as análises apresentadas, que, apesar das diferenças, os autores defendem uma mesma ideia: a importância da independência feminina. Assim como Maria de..., Fanny Hill também é uma mulher alfabetizada; a personagem aproveita-se do refinamento intelectual de alguns de seus amantes para conhecer a arte, a poesia e os assuntos influentes da elite frequentadora dos bordéis da época. Maria de... e Fanny Hill, às suas maneiras, desconstroem por meio de seus discursos e atitudes a hipocrisia da sociedade que as julga à luz do dia, mas as aplaude ao cair da noite.

FARDIN, G. *Fanny Hill*, by John Cleland, and as *Mulheres de Mantilha*, by Joaquim Manuel de Macedo: A Reflexion About the False Morality Defended in Novels. *Olho d'água*, São José do Rio Preto, v. 10, n. 1, p. 34-47, 2018. ISSN 2177-3807.

Referências

CANDIDO, A. O honrado e facundo Joaquim Manuel de Macedo. In: _____. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos (1750- 1880)*. 11 ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2007. p. 453-461.

CARDOSO, E. W. *A representação histórica a partir da Obra A Mulheres de Mantilha (1870), ou, uma aula com o professor Joaquim Manuel de Macedo*. 2008. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande Do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/16074/000695869.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 14 jul. 2017.

CARTER, A. *The Sadean Woman and the Ideology of Pornography*. New York: Penguin, 2001.

CLELAND, J. *Fanny Hill, Memoirs of a Woman of Pleasure*. London: Librito, 2001.

_____. *Fanny Hill, ou memórias de uma mulher de prazer*. Trad. Eduardo F. Alves. São Paulo: Estação Liberdade, 1997.

FERRAZ, M. C. F.; OLIVEIRA, A. L. M.; GENS, R. M. C.. Entre véus, sombras e desejos. In: MACEDO, J. M. *As mulheres de mantilha*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura; Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural, 1988.

JUENGEL, S. J. *Doing Things with Fanny Hill*. In: ELH, The Johns Hopkins University Press, v. 76, n. 2, p. 419-446, Summer/2009. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/27742942?seq=1#page_scan_tab_contents>. Acesso em: 12 mar. 2018.

MACEDO, J. M. *As mulheres de mantilha*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura; Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural, 1988.

PAVANELO, L. M. *Camilo Castelo Branco e Joaquim Manuel de Macedo: convergências na ascensão do romance nas periferias do capitalismo*, Tese, FFLCH-USP, 2013. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-29072013-095304/pt-br.php>>. Acesso em: 12 jul. 2017.

PROENÇA, M. C. *As mulheres de mantilha*. In: _____. *Estudos Literários*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1971. p. 23-25.

WAGNER, P. Introdução. In: CLELAND, J. *Fanny Hill, ou memórias de uma mulher de prazer*. Trad. Eduardo F. Alves. São Paulo: Estação Liberdade, 1997.

WOOLF, V. *A Room of One's Own*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

Recebido em 02 abr. 2018

Aceito em 27 mai. 2018